



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	O poder teofânico da alteridade: a Teogonia de Hesíodo em tradução poética
Autor	BRUNO PALAVRO
Orientador	CARLOS LEONARDO BONTURIM ANTUNES

O poder teofânico da alteridade: uma tradução poética da *Teogonia* de Hesíodo

Autor: Bruno Palavro

Orientador: Carlos Leonardo Bonturim Antunes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Minha pesquisa de Iniciação Científica teve como objeto estudo e tradução integral da *Teogonia* de Hesíodo, poema grego de cunho didático-religioso composto por volta de 750-650 a. C. em hexâmetro datílico; como objetivo principal, propor no texto traduzido uma poeticidade que apontasse para a experiência numinosa suposta no contato do homem grego arcaico com o poema. O processo de tradução foi amparado pelo estudo de diversos textos: 1) traduções anteriores da obra, tanto em português como em outras línguas, 2) estudos clássicos e atuais a respeito da obra e seus entornos, 3) estudos sobre métrica antiga e propostas de equivalência na tradução brasileira, e 4) o texto grego editado e comentado por M. L. West (1966) como aparato de grande valor filológico. A esse processo subjazem pressupostos teóricos que encaminham a tradução: apesar de a prosa analítica por si só não dar conta do poema, como Jaa Torrano bem apontou no estudo e tradução de sua *Teogonia*, ela é inevitável como parte das mediações para que nos conduzamos por esse caminho de alteridades. Baseado em Paul Ricoeur, tive o aparato crítico e o processo mental durante o esforço tradutório também como um tipo de tradução, sendo o texto de partida uma obra aberta que deve ter suas potencialidades de sentido “traduzidas” hermeneuticamente para enfim ganhar corpo na tradução propriamente dita. A partir daí, um tradutor precisa fazer escolhas que delimitem os sentidos de seu texto e os caminhos pelos quais intenciona conduzir seu leitor, podendo facilitá-los ou dificultá-los. Por um breve estudo de Mamiko Sakamoto sobre o método de equivalência dinâmica, de Eugene Nida, para a tradução da Bíblia, julguei infrutífera uma abordagem que pretendesse recriar o texto como parte indissociável da cultura de chegada. Preocupe-me, então, num caminho oposto, em promover o mínimo possível de apagamentos sobre o outro que perdura no texto grego, intencionando forçar o leitor/ouvinte a confrontar-se com uma experiência de profunda alteridade: justamente na exigência de um envolvimento hermenêutico creio haver brecha para um tipo de experiência numinosa, dada a concepção heideggeriana de que o sujeito, ao envolver-se na compreensão algo, modifica também uma compreensão sobre si. Dois pontos específicos da minha tradução deixam patente essa intenção: 1) fundamentado no conceito de “melopecia” proposto por Ezra Pound, um empenho em corresponder o ritmo do texto original à tradução, na linha do que fez Carlos Alberto Nunes em suas traduções da *Íliada* e da *Odisseia*. A ideia é continuar essa desestabilização que abandona formas tradicionais de versificação para enveredar-se com o outro, além de ser um convite implícito à vocalização/performance pelo trabalho amplo com a sonoridade. 2) A partir de uma releitura do conceito de *mysterium tremendum et fascinans* de Rudolf Otto, estendido da experiência inefável do sagrado à intenção artificiosa do poético, a recusa em traduzir nomes de divindades primordiais e abstrações divinizadas em determinados contextos. Como resultado de todo o trabalho, obtive os 1022 versos da *Teogonia* traduzidos para o português, cantáveis em cima de um ritmo regular que emula de muito perto o hexâmetro datílico grego e propostos em uma unidade que, ao recusar o apagamento do outro pela domesticação do texto original, se aproveita da aura mítica sobre um passado profundamente alheio para, por meio de obscurecimentos deliberados, ressignificar uma experiência poética do sagrado à língua de chegada. Com essa abordagem, espero ter ressaltado e renovado a poeticidade do texto hesiódico a partir de aspectos ainda não explorados em outras traduções; ao agregar a obra à tradição hexamétrica brasileira, tangenciado a questão da performance como constitutiva tanto da poesia antiga como de uma poética do traduzir. Nesse sentido, fica elucidado em detrimento do logocentrismo tradicional o valor de uma intervenção criativa por parte do tradutor que, na recusa de seu apagamento costumeiro, propõe também ele que se viva hoje um tipo de experiência numinosa da canção.